

COLUNA

TRAVESTI NEGRA NÃO É BAGUNÇA

A liberdade está sempre em confronto: Erika Hilton atualiza Hans Magnus Enzensberger

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva

Mestre em Educação (UFRRJ)



Há consideráveis meses, li a obra “Guerra Civil”, do poeta e ensaísta alemão Hans Magnus Enzensberger. Eu a li por acaso, cruzando com ela no momento exato da desatenção que procura justamente se atentar a algo. Com os dedos percorrendo a lombada de algumas obras que tenho nas minhas estantes, cisme com aquele livrinho de capa vermelha. Livrinho este comprado juntamente com outros nessas feirinhas que nos entopem de livros que sequer daremos conta de lê-los em sequência. A textura da capa, combinada à espessura e à cor, me

convenceram a removê-lo da estante e a colocá-lo sobre a minha mesa de estudos como um prato cheio, somente à espera de ser devorado, esvaziado por quem de direito. Na minha mesa, ele tão-somente permaneceu por mais uma semana, encrustando poeira no seu vermelho carmesim. Até que eu o abri, era hora de saber o que era uma guerra civil. Era hora de saber se aquilo já havia acontecido na história, ou se estava a ocorrer. Abri o livro...

Ele se iniciava com uma frase de Nietzsche, obviamente para puxar farinha para o lado do conterrâneo, que dizia assim: “Somente os bárbaros podem se defender”. E eu me lembrei de que quando havia lido uma obra do filósofo Nietzsche – “Além do Bem e do Mal” – outra colocação havia me chamado a atenção, que dizia assim: “Aquele que luta contra os monstros deve vigiar para não se tornar um deles. Ora, quando teu olhar se fixa por muito tempo no fundo de um abismo, o próprio abismo penetra em ti.” E essa colocação do filósofo me levou a outra escritora que eu gostaria de colocar aqui nesta sala de conversa, chamada Carolina Maria de Jesus, no livro “Meu Sonho é Escrever”, que dizia assim: “Cada homem está perdido neste turbilhão humano, em que as dificuldades transformam o homem em fera”. Bom, isso também me levou ao nosso poeta paraibano de maior valor das duas primeiras décadas do século XX, Augusto dos Anjos, que tem um poema, no livro “Eu”, intitulado *Versos Íntimos*, que diz assim: “O Homem, que, nesta terra miserável/ Mora entre feras, sente inevitável/ Necessidade de também ser fera.”

Nesse jogo de conversa entre os grandes e com o livro do Enzensberger nas mãos, eu comecei a perceber que todos falavam de humanos. Humanos como bárbaros. Humanos como feras. Humanos sendo humanos e a nossa liberdade sempre em confronto. E segui adiante com a leitura.

Primeiro conceito postulado pelo alemão: os animais lutam entre si, mas jamais fazem guerra. A guerra é uma invenção humana. Concordo. Karl Marx já falava isso ao dizer, noutras palavras, que a luta de classes era o motor propulsor da Humanidade.

Segunda postulação do autor: os efeitos de uma guerra – seja ela a Guerra Fria, ou a guerra ideológica e negacionista promovida pelo governo de Jair Messias Bolsonaro no enfrentamento à pandemia de COVID-19 – não se podem quantificar, pois o caos não se quantifica. Concordo. Até hoje nossos astrônomos, físicos e químicos não chegaram à tal partícula *Bóson de Higgs*, – vulgo: partícula-Deus – que é uma partícula bosônica que, teoricamente, haveria surgido logo após o grande caos do *Big Bang*, teria gerado coisas e mais coisas no mundo, e assim é chamada de partícula-Deus porque estaria em tudo e em toda parte. Caos, e se tratando de caos o resultado, como eu disse, ou melhor, como Enzensberger disse, não é quantificável.

A terceira postulação do filósofo é: a guerra civil é molecular, nela há uma perda de convicção por parte dos indivíduos, que se fragmentam e se pulverizam em microuniversos que, em interação com o todo, tem o potencial de desajustar a engrenagem civilizatória, fadando-nos ao mundo das feras. Dito de outro modo,

a gente sempre pensa a guerra como algo distante – principalmente nós, os brasileiros.

Debateremos sobre fundamentalismo, subdesenvolvimento etc. Tudo sempre muito distante de nós: a nível nacional, pensamos que a guerra ocorre sempre noutros estados; a nível internacional, ela sempre se passa no complicado Leste Europeu, nos países africanos, ou no Paquistão, Irã... e essa guerra também possui agentes muito característicos, são eles mafiosos, terroristas da mais alta periculosidade, *skinheads*, neonazistas, organizações criminosas com fardos encarregados às ordens para transportar drogas ilícitas e muito, muito mais protótipos típicos do coletivo. Mas, esquecemo-nos dos cidadãos que se transformam à noite em incendiários, em agressores de mulheres, em *serial killers* matadores de homens gays, de mulheres travestis etc. Esquecemo-nos de um presidente que faz com que a nação tema o remédio e não à doença. A guerra civil, conclui-se, não vem de fora, ela já está dentro; está dentro por não ser um vírus externo, mas por ser endógena.

Concordo. Concordo que o estado de guerra é nosso estado atual – contra o vírus etiológico da COVID-19 e contra o BOZOVID-17 (vírus do bolsonarismo que acometeu parte da população brasileira em 2018). Porém, Magnus Enzensberger, por muito individualizar a luta contra à barbárie, acaba por descrever numa investida coletiva que seja positiva para todos/as. Paira no livro de ensaio uma noção cognitiva, do início ao fim, que as investidas dos agentes do ódio, para o autor, aqueles da extrema-direita, são eficazes para desajustar o cenário coletivo de direitos conquistados pelas sociedades democráticas. Pela indução narrativa, eu também acreditei piamente, por alguns meses, nos argumentos do autor. Acreditei até o momento de conhecer a história de Erika Hilton, a primeira mulher travesti e vereadora da Câmara Municipal de São Paulo.

Não é que eu tenha deixado de conferir razão aos argumentos do filósofo alemão, mas a luta política de Erika atualizou o pensamento do filósofo. E por quê? Porque ela foi eleita, em 2020, pelo PSOL, com mais de 50 mil votos. A mulher travesti, preta, mais votada do partido, e que sonha em ser a primeira senadora da República travesti. Isso me diz muita coisa. Primeiro prova, de maneira cabal, que nenhum movimento histórico é dado de maneira isolada, como concebe Hans Magnus. Pensemos na história da Ditadura Militar... ali havia um amalgamado de forças empresariais, civis, políticas, militares, religiosas se articulando para desferir o golpe de 1964. Agora pensemos no golpe de 2016, o qual depôs o governo legitimamente constituído de Dilma Rousseff... também havia, naquele cenário, uma coalisão perversa para acusar, julgar e votar o *impeachment* da então presidente do Brasil. Assim sucessivamente se enrola com a Guerra do Paraguai, com o conflito da Tríplice Aliança, com os anseios territoriais e expansionistas das guerras napoleônicas etc. Pelo método histórico, não há história sem agentes articulados. Isso o filósofo alemão que citei desde o início reconhece, mas peca por isolar o indivíduo numa teia de vontades próprias que unas, molecularmente, individualizadas anseiam satisfazer seus próprios monstros, se tornando o monstro de si e dos outros.

Não obstante, às vezes a interpretação de 1, quando decomposto, se torna $2 = 0,5 + 0,5$: 2, que formam 1. Tudo depende de semântica e poética. A vida é um terrível problema de linguagem, e, não raro, de contagem. Para Freud, o indivíduo não é só indivíduo, é sujeito coletivo. E quem vem antes e quem vem depois não me pergunte, que eu não saberei responder devido ao grau de complexidade, o qual se assemelha à anteposição, ou pós-posição do ovo à galinha. Erika Hilton, para chegar onde chegou, com a expressiva quantidade de votos que teve, não era uma – numeral – travesti preta, consciente do seu dever e grau de importância uma vez dentro da Câmara de Vereadores, mas era várias, era cada um que votou. Pode o leitor mais arredo dizer-me: “Isso é óbvio que ninguém se elege sozinho”. Concordo. Concordo como desde acima venho concordando, mas também acresço a ideia de que, nos tempos de dificuldades – como diria Paul Klee – em que estamos vivendo, é preciso que se diga o óbvio! E qual é o óbvio da vida política de Erika Hilton e daqueles/as que estão no legislativo atuando por nós, pessoas LGBTQIAP+? É o da força e ajuda coletiva para pautar um novo momento na história do Brasil e da América Latina no que tange a cidadania dos LGBTQIAP+. 2022, este ano que vos oferece tempo-espaco para viver, é ano de eleição. Muito mais do que elegermos um presidente, é preciso elegermos e acionarmos nosso crivo eleitoral para fazermos a escolha certa e ajudarmos muitas outras Erikas Hiltons.

Elegermos quem, assim como nós, sentiu na pele as agruras do preconceito. Erika foi expulsa de casa em sua adolescência. Viveu nas ruas. Dormiu nas ruas. Comeu nas ruas? Isso eu já não sei. Sem desistir, com paciência e desejo humano de fazer parte de um todo maior, refez os laços familiares. Quando chegou na vida política, de acordo com ela mesma, pensou em suas palavras: se eu cheguei aqui, é porque muitas outras vieram antes de mim. Luta molecular? Luta constelar! Uma brilha e depois puxa a estrela seguinte para brilhar. Quando falo que ela foi a mais votada do PSOL eu não menti, mas também não expus que ela foi a mais votada para a vereança de todo o país. E se engana quem pensa que Erika brilhou livre, leve e solta como marinheira de primeira viagem. Seu primeiro mandato aconteceu em 2018, quando ocupou uma vaga na Mandata Ativista, na Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp). Essa Mandata contava com nove, sim, nove agentes políticos ligados à pauta dos direitos humanos. Mais uma vez, em sentido positivo, diferente das concepções de Hans Magnus, a coletividade foi crucial para o sucesso. Isso deve ser um mantra a ser repetido por todos os progressistas deste país: se não posso me eleger sozinho, irei me eleger acompanhado. O importante é atuar no legislativo e na cultura como aposta para um futuro melhor e mais promissor do que este no qual nos meteu a extrema-direita bolsonarista.

Todavia, verdade seja dita: a guerra civil não nos é externa. Lembrou das postulações do filósofo alemão? Sim, sim. Erika enfrentou muito preconceito à medida que sua mãe se aproximava da igreja evangélica. Igreja é lugar de paz? Depende da intencionalidade do líder, que pode fazer a montagem de um verdadeiro batalhão de religiosos paramentados com argumentos preconceituosos contra pessoas LGBTQIAP+. É preciso que se tome teológica e democraticamente as igrejas, para que em seus púlpitos se diga: ame mais,

negue-se a amar menos. Assim como muitos de nós, ela foi vista como a perdida, que precisava ser salva. E realmente precisava. Concordo, como venho fazendo desde sempre neste texto. Precisava ser salva de um país que mais mata – não nos cansemos de repetir isso até que cesse – travestis e transexuais no MUNDO! Mas, a cada um o seu rito... e lá foi Erika levada pela mãe aos rituais penosos e cansativos de exorcismo para melhorar a postura, desmunhecar menos e blá-blá-blá! Como tudo cansa nesta vida, até comer e fazer sexo, que são coisas que eu julgo como sendo as melhores nesta vida terrena, Erika também cansou da brincadeira de criarem nela demônios que depois eles mesmos iriam buscar e disse “NÃO”. Não queria mais aquele circo. Era travesti e como tal viveria. Então está bem, vais pra rua. Foi quando ela foi. Foi e tomou um ônibus para a casa dos tios em Itu, a barra era ainda mais pesada, ela não consegue estimar como. Por quê? Porque o caos não se quantifica, lembra? Os tios eram da mesma igreja que a mãe dela. As igrejas haviam tomado e estão tomando tudo. Por isso é preciso tomá-las também.

É um tomando o outro nesta guerra civil de toma-lá-dá-cá. É um jogo de toma-toma. Mas Erika decidiu, depois de muito tempo sendo violentada na casa dos tios, que pararia de tomar daquele jeito. Tomaria de outro. E tomou. Tomou um rumo na vida, um dos mais sofríveis. Foi pra rua no sentido literal. Conheceu outras travestis e decidiu se libertar fazendo sua harmonização, seu processo de hormonização e tudo o mais que se exigia de uma jovem travesti. Outra vez, a história individual prova, taxativamente, que nada se faz sozinho, tudo se faz com a força de um grupo de travestis outras. E se fez. Erika foi, por essas meninas, incentivada a se reconciliar, voltou para casa e decidiu cursar pedagogia. Isso é lindo. Ela decidiu estudar, pois sabia que sem uma teoria revolucionária, não haveria revolução. Cursou Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e hoje é a nossa vereadora, com planos futuros de ser também governadora ao lado de Guilherme Boulos. Tomar? Só se for os meios de produção – de cultura, de lógicas teológicas etc.